

30 JUL

Quinta / Thursday

23:00 Castelo de Marvão, Cisterna / Marvão Castle, Cistern

ESPECIAL NOITE DENTRO / LATE NIGHT SPECIAL

RETRATO DE COMPOSITOR / COMPOSER PORTRAIT

ISANG YUN (1917–95)

ENSEMBLE TIMF

Hyodan Cho, clarinete

Minkyung Chun, oboé

Wooah Kim, fagote

Seokjun Lee, trompa

Gyoon Kim, violino

Yeoyoung Yoon, violino

Sewon Rah, viola

Chul Hur, violoncelo

Kitae Bae, contrabaixo

Isang Yun

Together para Violino e Contrabaixo (1989)

Trio para Clarinete, Fagote e Trompa (1992)

Rondell para Oboé, Clarinete e Fagote (1975)

Quarteto de Cordas n.º 4 (1988)

ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Diz-se que a música de Isang Yun (1917-1995) é uma fusão entre a música coreana e a técnica e os instrumentos ocidentais. Se não tem uma ideia clara de como soa a música coreana, recomendo que veja o documentário alemão November-Elegie, sobre a vida de Yun, disponível no YouTube. Mesmo que não fale alemão, vale a

pena, pois o filme justapõe excertos de música tradicional coreana e composições de Yun. Recorrendo a elementos como glissandi, frullati, quartos de tom e outras articulações microtonais, Yun evoca antigos instrumentos coreanos e ornamenta o chamado Hauptton, ou nota principal, de uma peça musical. A técnica do Hauptton, pela qual Yun se tornou conhecido, elimina o uso de harmonias e acordes, colocando antes uma única nota no centro da composição.

Yun, nascido no que é hoje a Coreia do Sul, passou aproximadamente a segunda metade da sua vida na Europa. Em meados da década de 1950, mudou-se primeiro para França, mas depressa acabou por se fixar na Alemanha. O seu caminho para o sucesso como compositor foi gradual. Em criança, era um ouvinte fervoroso de música coreana e, aos 12 anos, depois de ouvir o Quarteto de Cordas de Ravel, ficou fascinado pela música clássica ocidental. Apesar de o seu pai ser também artista - ou talvez precisamente por isso -, Yun não foi autorizado a estudar música. Mas a vocação falou mais alto e Yun acabou por estudar Música em Osaka, Tóquio e Seul. Na Europa, estudou primeiro e compôs música dodecafónica, mas considerava as suas composições “secas” e “sem carácter pessoal”. O seu professor, Boris Blacher, aconselhou-o a construir a sua linguagem a partir da rica tradição musical da Ásia Oriental.

Alguns episódios da vida de Yun parecem saídos de um thriller. Yun é frequentemente considerado um compositor político, mas afirmava ter apenas um forte sentido de justiça. Na década de 1940, foi preso, encarcerado e torturado por fazer parte da resistência contra a cruel ocupação japonesa, que durou de 1910 a 1945. Em 1967, quando vivia na Alemanha, foi raptado pelos serviços secretos coreanos, levado para a Coreia e novamente torturado. Sob a acusação de ser espião comunista, foi condenado a prisão perpétua. Graças à pressão internacional de figuras como Igor Stravinsky, Herbert von Karajan e dezenas de outras personalidades proeminentes, foi libertado. Pouco depois de regressar à Europa, obteve a cidadania alemã e nunca mais voltou à Coreia, mas manteve-se firme na sua luta pela justiça. Em 1980, apoiou os protestos estudantis que conduziram ao atroz massacre de Gwangju - a Coreia do Sul era então uma ditadura - e defendeu a reunificação das duas Coreias. Esta causa, naturalmente, tocou uma corda sensível junto dos alemães. No entanto, as iniciativas musicais de Yun na Coreia do Norte não deixaram também de ser desvalorizadas.

No documentário, Yun afirma que a sua música é influenciada pelo taoísmo, a que chama uma força primordial. Em geral, diz, a música é impensável sem a ideia de yin e yang: fortissimo e pianissimo, longo e curto, agudo e grave. A sua obra tem um carácter difuso, nem europeu nem asiático, nem alemão nem coreano, nem daqui nem dali. Teoricamente, isso poderia acarretar o risco de a tornar indistinta, mas a sua música é uma verdadeira e bela amálgama, marcada por uma forte assinatura pessoal. Este concerto é uma homenagem arrebatadora a um dos mais fascinantes compositores do século XX.

Se ficou intrigado com a fusão entre música europeia e asiática, talvez aprecie também o outro concerto do Ensemble TIMF, no dia 1 de Agosto, às 19:30, no Pátio do Castelo de Marvão.

Between East and West

The music of Isang Yun (1917 - 1995) is said to be a fusion of Korean music with Western technique and instruments. If you don't have a clear idea of what Korean music sounds like, I would recommend watching the German documentary *November-Elegie* about Yun's life that is available on YouTube. Even if you don't speak German, it is worth your time as it juxtaposes fragments of traditional Korean music and Yun's compositions. Using elements such as glissandi, flutter-tongues, quarter tones and other microtonal articulations, Yun emulates ancient Korean instruments and embellishes the so-called *Hauptton* or main tone of a musical piece. The *Hauptton* technique, for which Yun became known, eliminates the use of harmonies and chords, and instead places a single tone at the center of the composition.

Yun, born in what is now South Korea, spent roughly the second half of his life in Europe. In the mid-fifties, he moved initially to France, but soon ended up living in Germany. His road to success as a composer was gradual. As a young child he was a fervent listener of Korean music, and at 12, after hearing Ravel's String Quartet, he became fascinated by western classical music. Despite the fact that, or maybe because his father was an artist himself, Yun wasn't allowed to study music. But blood is thicker than water and Yun ended up studying Music in Osaka, Tokyo and Seoul. In Europe he first studied and created dodecaphonic music, but he found his compositions "dry" and "without personal character". His teacher, Boris Blacher, advised him to build on the rich tradition of East-Asian music.

Episodes of Yun's life read like a thriller. Yun is often considered to be a political composer, but he claims that he only has a strong sense of justice. In the 1940s, he was arrested, imprisoned and tortured for being part of the resistance against the cruel Japanese occupation that lasted from 1910 to 1945. In 1967, when living in Germany, he was abducted by the Korean secret service, brought to Korea, and tortured again. On the allegation of being a communist spy he was condemned to a life sentence. Under international pressure from the likes of Igor Stravinsky, Herbert von Karajan and dozens of other prominent persons he was released. Soon after his return to Europe, he obtained German citizenship and never went back to Korea, but

remained unperturbed in his fight for justice. In 1980 he supported the student protests that led to the atrocious Gwangju massacre – South Korea was a dictatorship at the time – and he was an advocate for the reunification of the two Koreas. This cause, obviously, struck a chord with the Germans. However, Yun's musical initiatives in North Korea were also met with depreciation.

In the documentary, Yun says his music is influenced by taoism, which he calls a primal force. In general, he says, music is unthinkable without the idea of yin and yang: fortissimo and pianissimo, long and short, high and low. His work has a diffuse character, neither European nor Asian, neither German nor Korean, neither here nor there. Theoretically, it could carry the risk of being undistinctive, but his music is a true and beautiful amalgamation and has a strong personal signature. This concert is a riveting homage to one of the most compelling 20th-century composers.

If you are intrigued by the amalgamation of European and Asian music, you may also like Ensemble TIMF's other concert on 1 August at 19.30 in courtyard of Marvão Castle.

[Bart de Vries](#)